

Senhor Monstro

DAN WELLS

Senhor Monstro

Tradução de
Raquel Dutra Lopes

contraponto®

1.

Era uma da manhã e eu estava a olhar para um gato.

Devia ser um gato branco mas, ali às escuras, não dava para ter a certeza; o pouco luar filtrado pelas janelas partidas transformava o espaço numa versão mais velha de si mesmo, numa cena de um filme a preto e branco. As paredes de betão eram cinzentas, os bidões amolgados e as pilhas de tábuas de madeira eram cinzentos, os montes de latas abertas de tinta eram cinzentos; e, ali no meio, recusando-se a mexer, estava um gato cinzento.

Brinquei com o jerricã de plástico que tinha nas mãos, virando-o para trás e para a frente e ouvindo o som da gasolina a chapinhar lá dentro. Tinha uma carteira de fósforos no bolso e um monte de panos oleados aos pés. Havia ali madeira velha e químicos suficientes para alimentar um fogo espetacular e eu estava desesperado por ateá-lo, mas não queria fazer mal àquele gato. Nem me atrevia a enxotá-lo, com medo de perder o controlo.

Por isso, limitei-me a fitá-lo, à espera. Assim que se fosse embora, aquele sítio desapareceria.

Estávamos no final de abril e a primavera estava finalmente a vencer a batalha para transformar o enfadonho e gelado Condado de Clayton numa terra alegre e verde. Isto em grande parte, claro, por o Assassino de Clayton finalmente nos ter deixado em paz – a sua matança cruel prolongara-se durante quase cinco meses, mas ele parara muito subitamente e ninguém tinha notícias dele desde janeiro. A vila tinha passado os dois meses seguintes encolhida com medo, toda a gente a trancar as portas e janelas todas as noites e a acordar de manhã mal se atrevendo a ligar o televisor, à espera de ver outro corpo retalhado no noti-

ciário da manhã. Porém, nada acontecera e, aos poucos, começamos a acreditar que desta vez tinha mesmo chegado ao fim e que não haveria mais corpos para recolher. O Sol nascia, a neve fora derretendo e as pessoas tornaram a sorrir. Tínhamos sobrevivido à tempestade. Clayton vivia numa felicidade hesitante há quase um mês.

Eu era a única pessoa, na verdade, que não se preocupava de todo. Eu tinha a certeza de que o Assassino de Clayton desaparecera de vez, há muito tempo, em janeiro. Afinal, fui eu quem o matou.

O gato mexeu-se, deixou de se concentrar em mim, baixou a cabeça e lambeu a pata. Fiquei completamente imóvel, desejando que me ignorasse ou esquecesse e fosse lá para fora caçar ou qualquer coisa assim. Os gatos deviam ser caçadores noturnos e aquele havia de ter de comer. Tirei o relógio do bolso – um relógio de pulso barato, de plástico, a que eu tinha arrancado a bracelete – e voltei a ver as horas: uma e cinco. Aquilo não ia a lado nenhum.

O armazém tinha sido construído para servir de depósito de materiais de uma empresa de construção muitos, muitos anos antes, quando a grande serração da vila era nova e as pessoas ainda julgavam que o Condado de Clayton poderia tornar-se qualquer coisa. Isso nunca aconteceu e, enquanto a serração, a custo, ainda ia sobrevivendo, a empresa de construção decidira não perder mais dinheiro e ir-se embora. Nos anos que se seguiram, não fui o único a servir-se daquele edifício há muito abandonado: as paredes estavam pejadas de *graffiti* e o chão, tanto no interior como lá fora, estava cheio de latas de cerveja e caixas de plástico vazias. Até encontrei um colchão atrás de umas paletes de madeira, provavelmente o abrigo temporário de um vagabundo. Perguntei-me se o Assassino de Clayton o teria apanhado também, antes de eu o ter travado; fosse como fosse, o colchão estava bolorento por falta de uso e calculei que ninguém tivesse estado ali durante todo o inverno. Quando finalmente pudeste atea-lo, aquele colchão estava destinado a ser o centro do meu incêndio cuidadosamente concebido.

Naquela noite, no entanto, nada podia fazer. Seguia regras e essas regras eram muito estritas; a primeira ditava: «Não fazer mal a animais.» Já era a quarta vez que o gato me impedia de pegar fogo ao armazém. Presumo que devia estar-lhe agradecido, mas... precisava mesmo de pôr alguma coisa a arder. Um dia daqueles ia agarrar no gato e... não. Não ia magoar o gato. Nunca mais magoaria quem quer que fosse.

«Respira fundo.»

Pousei o jerricã; não tinha tempo para esperar que o gato saísse, mas podia queimar qualquer coisa mais pequena. Agarrei numa palete de madeira e arrastei-a lá para fora; depois voltei para ir buscar a gasolina. O gato ainda ali estava, agora sentado num quadrado de contornos irregulares de luar, a observar-me.

– Um dia destes... – disse eu. Depois virei-me e voltei a sair. Despejei um pouco de gasolina na palete, só o suficiente para facilitar a coisa; em seguida coloquei o jerricã ao lado da minha bicicleta, bem longe do sítio onde haveria fogo. A segurança em primeiro lugar. Viam-se as estrelas; as árvores da floresta estavam perto, mas o armazém ficava numa clareira de gravilha e erva seca. Algures por entre as árvores ouvia-se o rumorejar da estrada interestadual, cheia de camiões nos seus percursos noturnos e com um ou outro carro sonolento.

Ajoelhei-me ao lado da palete de madeira, sentindo o cheiro acre da gasolina no ar, e saquei dos fósforos. Não me dei ao trabalho de partir as tábuas nem de preparar um incêndio como deve ser; limitei-me a acender o fósforo, a deixá-lo cair sobre a gasolina e a ficar a observá-lo enquanto o fogo se ateava, brilhante a amarelo. As chamas consumiram a gasolina e depois, lentamente, começaram a insinuar-se na própria madeira. Eu observava de perto, ouvia os pequenos estalidos e crepitações à medida que o fogo ia encontrando bolsas de seiva. Quando já estava bem ateado na tábua, agarrei a palete por um canto seguro e fi-la girar sobre uma ponta, deixando que o fogo se espraiasse e, em seguida, virei-a ao contrário para as chamas poderem chegar ao topo e espalhar-se para o resto das tábuas. O fogo avançava como um

ser vivo, sondava a madeira com um dedo fino e amarelo, provava-a e depois estendia-se com sofreguidão e consumia tudo.

Ateou bem, melhor do que eu tinha esperado. Era uma pena desperdiçá-lo apenas com uma palete.

Puxei outra do armazém e depusitei-a em cima do fogo. A chama tinha crescido a ponto de rugir e crepitar, saltando para a madeira nova com um deleite evidente. Sorri-lhe, como o dono orgulhoso de um cão precoce. O fogo era o meu animal de estimação, o meu companheiro e a única libertação que me restava; quando o Senhor Monstro me gritava para que infringisse as minhas regras e fizesse mal a alguém, conseguia sempre apaziguá-lo com um bom fogo. Vi as chamas destruírem a segunda palete, ouvi o rugido constante enquanto lhe sugava o oxigénio e sorri. O fogo exigia mais madeira, pelo que fui lá dentro buscar outras duas. Só mais um pouco não faria mal.

– Por favor, não me faças mal.

Adorava quando ela dizia aquilo. De certa forma, por alguma razão, esperava sempre que perguntasse «Vais magoar-me?», mas era demasiado esperta para isso. Ela estava amarrada à parede da minha cave e eu tinha uma faca na mão... claro que ia magoá-la. A Brooke não fazia perguntas estúpidas, o que era uma das razões para eu gostar tanto dela.

– Por favor, John, estou a implorar-te; por favor, não me faças mal.

Era capaz de ficar a ouvir aquilo durante horas. Gostava porque tinha chegado ao ponto exato: eu controlava a situação por completo e ela sabia-o. Ela sabia que, fosse o que fosse que ela quisesse, eu era o único que lho poderia dar. Sozinho naquele espaço, com aquela faca na mão, eu era o seu mundo inteiro: as suas esperanças e os seus medos juntos, o seu tudo em simultâneo.

Fiz um movimento quase impercetível com a faca e senti uma explosão de adrenalina quando os seus olhos se contorceram para o acompanharem: primeiro para a esquerda, depois para a direi-

ta; agora para cima, agora para baixo. Era uma dança íntima, tínhamos as mentes e os corpos em perfeita sincronia.

Já sentira aquilo, ao ameaçar a minha mãe na cozinha com uma faca, mas, mesmo nessa altura, eu sabia que só a Brooke importava realmente. A Brooke era a única a quem eu queria ligar-me.

Ergui a faca e dei um passo em frente. Como uma parceira de dança, a Brooke moveu-se em unísono, encostando-se mais à parede, com os olhos mais arregalados e a respiração cada vez mais acelerada. «Uma ligação perfeita.»

«Perfeita.»

Tudo era perfeito – exatamente como eu tinha imaginado mil vezes. Era uma fantasia concretizada, um cenário de tal forma completo que comecei a senti-lo a fazer-me levitar e a tirar-me dali. Os olhos arregalados dela, absolutamente concentrados em mim. A sua pele pálida a tremer enquanto eu me aproximava dela. Sentia emoções a emergirem, a redemoinharem dentro de mim, a transbordarem e a irromperem através da minha pele.

«Isto é errado. Isto é exatamente o que sempre quis e exatamente o que sempre quis evitar. Certo e errado ao mesmo tempo.

Já não distingo os sonhos dos pesadelos.»

Só podia acabar de uma maneira; da única maneira que acabava sempre. Espetei a faca no peito da Brooke, ela gritou e eu acordei.

– Acorda – repetiu a minha mãe, acendendo a luz. Virei-me para o outro lado e resmunguei. Detestava acordar, mas ainda detestava mais dormir... era demasiado tempo sozinho com o meu subconsciente. Fiz uma careta e obriguei-me a sentar-me. «Sobrevivi a mais um. Só mais vinte horas até ter de passar por isto outra vez.»

– Hoje é um grande dia – disse ela, a abrir os estores da janela. – Depois das aulas tens outro encontro com o Clark Forman. Vá, levanta-te.

Semicerrei os olhos, vendo-a por entre uma névoa.

– Outra vez o Forman?

– Falei-te disto na semana passada – respondeu-me. – Deve ser mais um depoimento.

– Quero lá saber.

Saí da cama e ia para o duche, mas a minha mãe bloqueou-me a passagem.

– Espera – disse, muito séria. – O que é que se diz?

Suspirei e ambos repetimos a nossa frase matinal da praxe:

– Hoje vou ter bons pensamentos e sorrir a toda a gente que vir.

Ela sorriu e deu-me uma palmadinha no ombro. Às vezes preferia mesmo ter só um despertador.

– Queres *Corn Flakes* ou *Cheerios*?

– Eu posso servir-me dos cereais que me apeterem – respondi-lhe, enquanto a afastava e passava para a casa de banho.

Eu e a minha mãe morávamos por cima da casa mortuária de um bairro calmo e pequeno nos arredores de Clayton. Em teoria, vivíamos para lá da fronteira municipal, o que nos tornava parte do condado e não da vila, mas tudo era tão pequeno que ninguém reparava ou queria saber das fronteiras. Vivíamos em Clayton e, graças à casa mortuária, éramos das poucas famílias que não tinham pelo menos um membro a trabalhar na serração. Seria de pensar que, numa pequena vila como esta, não morria gente suficiente para que uma casa mortuária se mantivesse em funcionamento e isso seria um bom palpito – tínhamos passado a maior parte do ano anterior com a corda ao pescoço, aflitos para pagarmos as contas. O meu pai pagava pensão de alimentos ou, para sermos mais exatos, o governo penhorava-lhe parte do salário para a pagar, mas, ainda assim, não era suficiente. Porém, no último outono, o Assassino de Clayton tinha aparecido e dera-nos bastante trabalho. A maior parte de mim achava que era triste que tantas pessoas tivessem tido de morrer para que o nosso negócio se mantivesse solvente, mas o Senhor Monstro adorara tudo aquilo.

Naturalmente, a minha mãe não sabia da existência do Senhor Monstro, apesar de saber que eu fora diagnosticado com

Transtorno do Comportamento – o que é basicamente uma forma delicada de se dizer que sou sociopático. O termo oficial é Transtorno de Personalidade Antissocial, mas este só pode ser declarado quando o paciente tem dezoito anos ou mais. Ainda faltava um mês para o meu décimo sexto aniversário, pelo que Transtorno do Comportamento era o que tinha de ser.

Tranquei-me na casa de banho e fitei o espelho. Estava cheio de pequenas notas e *post-its* que a minha mãe colava lá para nos lembrar de coisas importantes – não coisas quotidianas, como reuniões, mas duradouras, «palavras a seguir na vida». Às vezes ouvia-a a recitá-las para si mesma, enquanto se arranjava de manhã: coisas do género «Hoje vai ser o melhor dia da minha vida» e outras tretas assim. A maior era uma nota que ela tinha escrito especialmente para mim, na qual compilara uma lista de regras numa folha cor-de-rosa pautada, que estava afixada com fita-cola ao canto do espelho. Eram as mesmas regras que eu criara anos antes para manter o Senhor Monstro trancado e que seguiria perfeitamente bem sem a ajuda de ninguém até que, no ano passado, me vi forçado a soltá-lo. Agora a minha mãe tinha-se incumbido de as impor. Li a lista enquanto lavava os dentes:

«REGRAS:

Não vou fazer mal a animais.

Não vou queimar coisas.

Quando tiver maus pensamentos acerca de alguém, expulso esses pensamentos e digo qualquer coisa simpática sobre essa pessoa.

Não vou chamar “aquilo” a pessoas.

Se começar a seguir alguém, ignoro-a tanto quanto puder durante uma semana inteira.

Não vou ameaçar pessoas, nem sequer de forma implícita.

Se me ameaçarem, vou embora.»

Obviamente, a regra sobre queimar coisas já tinha ido às urtigas. O Senhor Monstro era tão insistente e a supervisão da minha mãe tão restritiva, que algo tinha de ceder, e fora isso. Atear fogos

– fogos pequenos e contidos que não poderiam magoar quem quer que fosse – era como uma válvula de escape que libertava toda a pressão que se acumulava na minha vida. Era uma regra que eu *precisava* de infringir, para ter alguma esperança de seguir as outras. Não contei à minha mãe o que andava a fazer, claro; simplesmente deixava-a na lista e ignorava-a.

A sério que dava valor à ajuda da minha mãe, mas... estava a tornar-se muito difícil viver assim. Cuspi a pasta de dentes, enxaguei a boca e fui vestir-me.

Tomei o pequeno-almoço na sala de estar, a ver o noticiário da manhã enquanto ela pairava no corredor atrás de mim, até onde o fio do ferro de engomar a deixava chegar.

– Alguma coisa interessante na escola, hoje? – perguntou.

– Não – respondi. Nas notícias também nada havia de interessante... nenhuma nova morte na vila, pelo menos, o que, regra geral, era tudo o que me interessava. – Achas mesmo que o Forman quer ver-me para prestar outro depoimento?

Ela esperou um pouco antes de responder, ficando em silêncio atrás de mim; sabia no que estava a pensar: ainda havia coisas que não tínhamos contado à polícia sobre o que acontecera naquela noite. Quando um *serial killer* nos persegue é uma coisa, mas quando esse *serial killer* afinal é um demónio e se desfaz em cinzas e visco preto mesmo à nossa frente, como é que se explica isso sem que nos enfiem num hospício?

– Tenho a certeza de que só querem assegurar-se de que têm toda a informação correta – disse ela. – Já lhes contámos tudo o que há a contar.

– Tudo, exceto o demónio que tentou...

– Não vamos falar disso – interrompeu-me, severa.

– Mas não podemos simplesmente fingir...

– Não vamos falar disso – repetiu a minha mãe.

Ela detestava falar sobre o demónio e quase nunca admitia a sua existência em voz alta. Eu estava desesperado por discutir o assunto com alguém, mas a única pessoa com quem poderia partilhá-lo recusava-se até a pensar nisso.

– Já lhe contei tudo o resto vinte e sete vezes – retorqui, mudando mais uma vez de canal. – Ou está desconfiado, ou é idiota. – O novo canal era tão enfadonho como o anterior.

A minha mãe ponderou por um instante.

– Estás a ter maus pensamentos a respeito dele?

– Oh, então, mãe.

– Isto é importante!

– Eu sou capaz de fazer isto sozinho, mãe – disse-lhe, ao mesmo tempo que pousava o telecomando. – Já o faço sozinho há muito tempo. Não preciso que estejas constantemente a lembrar-me das coisas mais mínimas.

– Estás a ter maus pensamentos a meu respeito, agora?

– Estou a começar, estou.

– E?

Revirei os olhos.

– Estás muito bonita, hoje.

– Ainda nem olhaste para mim desde que ligaste a televisão.

– Não tenho de dizer coisas sinceras, só simpáticas.

– Mas a sinceridade ajuda...

– Sabes o que é que ajudava? – repliquei, levantando-me para ir levar a tigela vazia para a cozinha. – Era que deixasses de me chatear a toda a hora. Metade das coisas más que penso são provocadas por passares o dia a respirar-me em cima do pescoço.

– Antes eu do que outra pessoa qualquer – continuou ela, na cozinha, indiferente ao meu comentário. – Sei que gostas demasiado de mim para fazeres alguma coisa drástica.

– Eu sou um sociopata, mãe, não gosto de ninguém. Faz parte da definição.

– Isso era uma ameaça implícita?

– Oh, por amor de... não, não era uma ameaça. Vou-me embora.

– E?

Voltei para o corredor e fitei-a, frustrado. Tornámos a recitar:

– Hoje vou ter bons pensamentos e sorrir a toda a gente que vir.

Agarrei na mochila, abri a porta e depois virei-me e olhei para ela uma última vez antes de sair.

- Realmente hoje estás muito bonita.
- Para que foi isso?
- Não queiras saber.